

PIADA EM EFEITO DOMINÓ: TIRA CÔMICA INICIA, REDE SOCIAL CONTINUA

Paulo Ramos¹

RESUMO: A proposta deste artigo é observar o comportamento dos leitores de tiras cômicas veiculadas na internet. Parte-se da hipótese de que o humor inaugurado pela história tem uma continuidade nos comentários dos internautas. A análise irá observar uma tira veiculada no Facebook, bem como as manifestações registradas pelos usuários daquela rede social. O estudo irá trabalhar com os conceitos de interação e hipertexto, próprios à Linguística Textual, e de piadas pronta e conversacional, abordados por pesquisas linguísticas sobre o humor.

PALAVRAS-CHAVE: Tira cômica. Piada. Rede social. Interação. Hipertexto.

ABSTRACT: The purpose of this article is to observe the behavior of comic strip readers on the Internet. The hypothesis is that the humor inaugurated by the story has a continuity in the Internet users' comments. The analysis will observe a strip posted on Facebook, as well the manifestations registered by the users of that social network. The study will work with the concepts of interaction and hypertext, proper to Textual Linguistics, and canned joke and conversational joke, addressed by linguistic research of humor.

KEYWORDS: Comic strip. Joke. Social network. Interaction. Hypertext.

Introdução

O ponto inicial da discussão trazida neste artigo tem a ver com a tira cômica mostrada a seguir:

Figura 1 – Tira cômica da série *Ryotiras* veiculada no Facebook



Fonte: TOKUMOTO, Ricardo. RYOTiras. *Facebook*. 20 abr. 2017. Disponível em:

¹ Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: contatopauloramos@gmail.com.

<https://www.facebook.com/ryotiras/photos/a.449233371893.238680.195364936893/10155165127926894/?type=3&theater> Acesso em: 1º maio 2017.

A história é de autoria de Ricardo Tokumoto e integra a série *RYOTiras*. As criações dele foram escolhidas como a melhor webtira (nome dado a tiras veiculadas na internet) na edição de 2016 do Troféu HQMix, considerado a principal premiação de quadrinhos do país. Foi por esse motivo que a selecionamos como *corpus* para esta análise.

O prêmio refletiu o conteúdo apresentado no blog mantido pelo autor e que tem como título o mesmo nome da série. A página virtual foi criada em 2007 e, inicialmente, utilizava personagens fixos. Depois, os temas e as pessoas representadas passaram a ser livres, ou seja, pensados para cada situação apresentada (cf. TOKUMOTO, 2012, 2016). É desse segundo momento a história que abre este artigo.

A tira cômica mostra um homem com feições jovens, porém com alguns fios brancos no cabelo. É justamente esse aspecto que ele aborda em suas falas, expostas nos balões de fala presentes nos três quadrinhos: “Eu já tenho vários cabelos brancos. Mas não se enganem. Eu ainda sou bastante imaturo”.

A declaração final contrasta com a expectativa sugerida pela existência dos fios brancos. Estes, ao menos em tese, são indicadores do avanço da idade e, por consequência, de maior maturidade. Em outros termos: a tonalidade branca do cabelo surgiu apesar de o personagem ainda ser jovem. E “bastante imaturo”, como ele próprio faz questão de reforçar.

Essa quebra de expectativa na narrativa é uma marca própria do gênero. Segundo Ramos (2009, 2011, 2017), as tiras cômicas tendem a criar um desfecho inesperado, que leva ao humor. No caso, como dito, o inusitado foi o fato de uma pessoa jovem reforçar sua idade, por meio da assumida imaturidade, apesar de ter alguns cabelos brancos, aspecto que poderia conotar envelhecimento.

O desenhista circula as histórias em seu site e também em redes sociais. A tira da Figura 1, por exemplo, foi veiculada em 20 de abril de 2017 tanto no Facebook quanto no Twitter. Estes trazem um diferencial em relação à página do blog do autor: tendem a apresentar maior número de comentários dos leitores. Enquanto o blog não havia registrado nenhuma manifestação, via-se comportamento distinto nas duas redes.

A inserção da tira no Twitter teve um retorno de leitor, 107 compartilhamentos (quando o usuário duplica aquele conteúdo em sua própria página, acrescentando algum

comentário ou não) e 169 curtidas (indicação de anuência pelo que fora lido). No Facebook, os números são ainda mais plurais: 28 comentários, 761 curtidas e 104 compartilhamentos².

Há dois pontos a serem observados. O primeiro é a tendência de a maior parte dos comentários serem registrados nas redes sociais, algo percebido também nos sites e blogs de outros autores brasileiros. Embora não seja algo ainda passível de mudanças, como quase tudo na internet, trata-se da realidade identificada na produção brasileira em 2017. O segundo ponto é verificar o teor do que é comentado. É justamente essa a proposta desta nossa discussão.

Partimos da premissa de que a tira funciona como o pretexto inicial dos comentários dos leitores, que podem seguir ou não o tópico proposto por ela. Defendemos a hipótese de que as manifestações geram também novas situações humorísticas entre os próprios usuários. Ou seja, a piada não se restringe à história em si, ela encontra uma continuidade entre as pessoas que tiveram contato com aquele conteúdo.

O exemplo utilizado para análise será exatamente a tira de Ricardo Tokumoto que temos discutido até o momento. Como o maior volume de comentários sobre ela foi registrado no Facebook, será dessa rede social o material selecionado para a análise. Como já mencionado, ocorreram, até a data da coleta, 28 manifestações de leitores da história.

Três conceitos irão nortear o estudo. Os dois primeiros são os de interação e de hipertexto, que serão lidos à luz da Linguística Textual. O terceiro é o de piada conversacional, distinção em relação à piada pronta, proposta por autores que têm pesquisado produções humorísticas sob um viés linguístico. Estabelecidos e discutidos os conceitos, o que será feito a seguir, partiremos, então, para as análises.

Diferentes formas de piada

Para analisarmos as manifestações de quem visitou a página da série *Ryotiras* no Facebook, é necessário termos clareza sobre o que seja uma piada. Para começar a discussão, cabe registrar que ela pode ocorrer de diferentes maneiras. Vejamos. O senso comum tende a enxergá-las como uma narrativa humorística, com um final inesperado, que leva ao humor.

² Dados coletados nas duas redes sociais em 1º de maio de 2017.

Mostramos a seguir um caso assim, extraído de uma coletânea de piadas para serem veiculadas no Twitter, rede social que põe um limite de 140 caracteres às postagens dos usuários (TADEU, 2009, p. 57):

- *Aqui está a fotografia dos meus dois filhos gêmeos.*
- *Mas estou vendo só um.*
- *É que eles são iguais, então só tirei a foto de um.*

A chave para entender a história é revelada somente no final, algo próprio a essa forma de produção. Ao invés de tirar a foto dos dois meninos, a mãe optou por registrar apenas um. Sendo gêmeos e iguais, ao ver um, a pessoa teria noção de como é o outro. O inusitado dessa situação é o que levaria ao sentido humorístico.

Narrativas como essa, contadas verbalmente ou reproduzidas por escrito, tendem a trazer conteúdos previamente elaborados. Antes de trazer a história à baila, a pessoa precisa saber quais são seus personagens, os elementos a serem relatados e a surpresa revelada ao final. Essas marcas dialogam com uma das formas de piada, chamada de piada pronta por Raskin (1985).

O autor desenvolveu um modelo teórico para analisar linguisticamente produções assim. De forma bastante resumida, elas apresentariam um *script* (entendido como sendo conhecimentos cognitivos prévios dos falantes sobre questões pessoais e sociais) para, depois, no final, revelar outro, até então camuflado ao leitor. A alternância de *scripts*, que deveriam ser compatíveis um com o outro, porém opostos, é o que levaria ao humor.

No caso visto há pouco, poderíamos pensar na existência de um *script* inicial relacionado ao registro de pessoas em fotografia. No final, releva-se outro, sobre semelhança física entre gêmeos. Há compatibilidade entre os dois *scripts* apresentados, já que há a presença de um dos gêmeos na foto, mas também oposição entre eles. Essa distinção é o que provocaria o sentido humorístico.

Posteriormente, Raskin revisou o modelo teórico, em parceria com Attardo (1991), procurando ampliar a outras produções humorísticas. Na nova leitura, o *script* não seria mais um elemento condicionante aos textos cômicos como um todo, mas continuaria presente em parte deles, como no caso das piadas prontas.

Ramos (2011) propõe uma aproximação entre as piadas prontas e as tiras cômicas. Para o autor, haveria aspectos visivelmente distintos em ambas, como a presença de imagens e de quadrinhos nas tiras, aspecto constituinte delas. Mas

existiriam também convergências, como a tendência de apresentação de narrativas curtas, previamente planejadas e com desfecho inesperado, tendo personagens fixos ou não.

Por esse raciocínio, a história mostrada na Figura 1 dialogaria com as marcas das piadas prontas, que seriam, também, elementos constituintes de seu próprio gênero, a tira cômica. Há uma narrativa curta, criada em três quadrinhos, com um personagem não fixo, ou seja, criado especificamente para aquela história. A situação inesperada, fonte do humor, é revelada na cena final, o fato de os fios de cabelo brancos não conotarem maturidade, e sim o oposto, imaturidade.

O humor trazido na tira é o ponto inicial da discussão. Direta ou indiretamente, a temática dela acaba ecoando nos comentários dos usuários da página, como será detalhando mais adiante. Nesse caso, percebe-se uma continuidade do humor, um prolongamento dele. Com um diferencial: não se trata mais de piadas prontas, cujo conteúdo se sabe previamente. São geradas situações cômicas nos contatos entre os sujeitos. Essa situação se assemelha a outra forma de piada, a chamada conversacional.

A expressão também foi cunhada por Raskin (1985). O autor procurava, com isso, distingui-la das piadas prontas, inicialmente seu principal interesse. Embora a revisão de seu modelo teórico (RASKIN, ATTARDO, 1991) tenha procurado abarcar as piadas conversacionais, um maior detalhamento sobre o processamento delas é trazido em outro estudo, este desenvolvido por Norrick (1993).

Norrick produziu um *corpus* composto somente por gravações feitas de situações informais. Com base nelas, identificou vários casos de piadas conversacionais (ou espontâneas formas sinônima utilizada por ele). O pesquisador dividiu as ocorrências em três eixos de análise:

- com relação à organização na conversação, elas poderiam ocorrer em pares adjacentes (como pergunta/resposta), em quaisquer trechos (no início, no meio ou no fim da fala individual ou da conversação em si), seriam realizadas por trocadilhos ou outros recursos semelhantes ou mesmo terem como alvo aspectos relacionados a um dos interlocutores (não raras vezes, de forma bastante jocosa ou agressiva);
- no âmbito interpessoal, seriam as brincadeiras criadas durante o contato entre as pessoas; entre as possibilidades, estariam incluídas as anedotas

peçoais, relatos vividos por um dos participantes, que podem ser complementados ou não pelo(s) interlocutor(es);

- sob o aspecto metalingual (não deve ser confundido com função metalinguística), este teria como foco aquilo que determinado grupo de falantes entende e aceita como risível, o que evidenciaria o grau de conhecimento ser socialmente por aqueles sujeitos.

Tomando como base os estudos de Raskin (1985), Raskin e Attardo (1991) e Norrick (1993), Carmelino e Ramos (no prelo) defendem que exista um *continuum*, uma gradação de casos de piadas. Num extremo, estariam as narrativas previamente planejadas (piadas prontas e anedotas peçoais). No outro, as situações mais espontâneas e menos previsíveis, surgidas no contato entre as pessoas (piadas conversacionais).

Se aplicada a esta análise, essa continuidade revelaria que a tira cômica tenderia a se aproximar da narrativa planejada. Os comentários dos usuários da página, das piadas conversacionais – e, por conta disso, dialogariam fortemente com os três eixos propostos por Norrick (1993). É com esse olhar sobre o tema que iremos observar as manifestações registradas na página do Facebook, objeto deste estudo.

Interações humorísticas

Os contatos entre autor e leitor, mediados pelos diferentes suportes (computador, *tablets*, *smartphones*) e mídias (blogs, redes sociais etc.), têm sido entendidos como práticas de interação³. Antes de avançar a discussão, no entanto, cabe definir o que se entende por interação.

O conceito ganhou maior evidência com o pensamento de Bakhtin (2000). Para o autor russo, todas as atividades de comunicação ocorrem por meio da interação entre os seres, em que um sujeito pressupõe o outro, tendo posturas ativas nesse contato. Nas palavras do autor:

De fato, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude *responsiva ativa*: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 2000, p. 290).

³ O termo *interação* nos ambientes digitais é mencionado em obras de Araújo e Biasi-Rodrigues (2005), Primo (2008) e Marquesi, Elias e Cabral (2008), para citarmos três exemplos.

A atitude ativa dos locutores, segundo ele, fica mais evidente nos diálogos, situação comunicativa em que se alternam as falas e também as posições dos locutores (quem fala se torna ouvinte e vice-versa). Essas premissas bakhtinianas ecoaram na área da Linguística Textual e ajudaram a repensar o papel do texto e também do processo de produção de sentido(s).

O texto passou a ser visto como o local da interação, um evento comunicativo situado sócio-historicamente, no qual os sujeitos (autor/leitor, falante/ouvinte) entram em contato, cada um com sua bagagem cognitiva própria. Koch foi uma das autoras que contribuíram para alicerçar essa interpretação. Tomemos de empréstimo as explicações dela:

A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas sua reconstrução – e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal (KOCH, 2009, p. 33).

Essas bases teóricas poderiam ser aplicadas a qualquer produção mediada pelos sujeitos, inclusive as virtuais, chamadas, dentro do escopo teórico da Linguística Textual, de hipertextos. Estes teriam como uma de suas marcas, de acordo com Xavier (2009) e Gomes (2010), a possibilidade de leitura não linear, processo viabilizado pela presença de links – clica-se em um ícone ou palavra e se acessa outra tela ou conteúdo.

Com a ampliação da internet e do acesso (mais rápido) a ela, alargou-se a apropriação aos hipertextos, uma maior presença das pessoas nos ambientes digitais e o estímulo a um contato entre os sujeitos, ora de forma verbal, ora visual, ora ambos. Na leitura de Braga (2013), essa interatividade já configuraria uma das marcas do meio virtual:

Navegando pelas diferentes publicações feitas na rede, o leitor define caminhos de leitura (escolhe links e ordem de acesso às informações disponibilizadas na página). Além disso, como hoje está cada vez mais comum os ambientes digitais oferecerem espaços para comentários e publicação de leitores, na Web 2.0 o leitor contribuiu diretamente com o sentido do texto lido na medida em que assume o papel do autor, publicando seus comentários ou relacionando o texto lido a outras publicações que circulam na rede (BRAGA, 2013, p. 45).

Como se vê, o leitor, ao se manifestar, torna-se também autor e interfere no(s) sentido(s) produzido(s) a partir do conteúdo ali presente. Entendemos ser justamente

essa realidade a vista nas 28 manifestações de pessoas que visitaram a página de *RYOTiras* no Facebook⁴ em 20 de abril de 2017.

Em todos os casos, os comentários abordaram, de maneira humorada, o tema apresentado na tira cômica criada por Ricardo Tokumoto (e mostrada na Figura 1, não custa lembrar). Ou seja, replicaram o tom engraçado inaugurado pela história e deram continuidade a ele. Houve três enfoques dados ao assunto:

- relatos pessoais sobre a presença precoce de fios brancos no cabelo (6 casos, 21,4%);
- referências a outras pessoas que tivessem apresentado essa característica (21 ocorrências, 75%);
- as duas situações anteriores juntas (um registro, 3,6%).

Vejam os casos a seguir. Começamos pelo primeiro, os relatos pessoais. Estes se assemelham a testemunhos sobre a presença de cabelos brancos. Dois deles (mantivemos a mesma grafia utilizada nos comentários e omitimos os nomes para evitar identificação dos autores):

- Esse sou eu. Sei lá por que caralhos meus cabelos estão ficando brancos, mas a imaturidade continua latente! Sempre!
- Tenho 16 e tenho mais cabelos brancos que meu tio de 32, ue

Alguns dos leitores/autores utilizaram um recurso próprio do Facebook para registrarem suas experiências. A rede social permite que se marque o nome de outra pessoa, também usuária da página. Dessa forma, é avisada pelo sistema de que alguém se referiu a ela em alguma postagem. Cabe a essa pessoa verificar o conteúdo ou não, acionando o link que leva a seu nome, uma das marcas do hipertexto.

Nos exemplos vistos, alguém indicava um(a) conhecido(a) e se referia a ele(a) sobre a existência ou não dos fios brancos. Três casos assim (uma vez mais, para que os autores não sejam identificados, optamos pelo uso apenas da inicial do primeiro nome):

- Eu na vida, M.
- L., num tenho nenhum ainda amém
- B., eu

⁴ A página de *RYOTiras* somava 62.006 curtidas em 1º de maio de 2017. Ao curtir algo, a pessoa passa a receber aquelas informações em sua página da rede social.

O que se pôde perceber é que o interlocutor acionado tendia a responder, estabelecendo um diálogo direto entre os próprios usuários da rede social. No caso do último exemplo (“B., eu”), a pessoa marcada (“B.”) entrou nos comentários da página de *RYOTiras* e registrou “hajssslslslsksk”, que, nesse contexto, pode ser lido como uma forma de risada. Em outros termos: o relato pessoal foi lido como sendo uma autoironia de forma bem-humorada pelo(a) interlocutor(a).

Embora não tenha sido objeto de análise, percebeu-se comportamento semelhante em parte das pessoas que compartilharam o conteúdo a seus próprios leitores do Facebook – como comentado no início do artigo, houve 104 compartilhamentos. A maioria apenas duplicou a história. Alguns, no entanto, inseriram uma pequena frase, assumindo ter aquelas características: “Oi, eu mesmo”; “Este cara sou eu”; “eu...”.

Por essas primeiras marcas do *corpus*, já se pode perceber que há diferentes níveis de interação em uma postagem. O autor da tira estabelece um diálogo com os leitores, que também se tornam autores à medida que registram suas impressões. Outra forma de contato é entre os próprios usuários, quer sejam acionados (ao terem o nome marcado) para verem o que fora escrito, quer não.

Outra observação é que os usuários entram no clima humorístico da tira cômica, produzindo eles mesmos novos comentários e proporcionando uma continuidade tópica da história – e da comicidade dela. O que muda é o modo. Em vez de serem manifestações mais próximas da piada pronta, se formos seguir o *continuum* proposto por Carmelino e Ramos (no prelo), elas se assemelhariam às anedotas pessoais sugeridas por Norrick (1993).

Ainda com base nos três eixos de análise de Norrick, vê-se que podem ser identificados elementos de todos eles: cria-se uma conversação entre usuários, o humor é estabelecido em um contato inter-pessoal e, para que seja compreendido, apresenta informações compartilhadas por ambos, nos casos das pessoas marcadas nos comentários.

Essa última possibilidade, a de outro(a) usuário(a) da rede social ter o nome registrado no comentário para que possa visitar a página e ter ciência daquele conteúdo, foi a tônica da maior parte 21 ocorrências de pessoas que enxergaram em alguém conhecido o tema proposta na tira. Na prática, funcionava como uma provocação, tendo

o interlocutor como alvo (de forma maldosa e jocosa, possibilidade aventada por Norrick).

Em alguns casos, a pessoa indicava somente o nome com quem pretendia brincar. Em outros, a intenção de provocar o(a) outro(a) era reforçada pela presença de expressões indicadoras de riso e/ou com representações de rostos sorrindo (utilizamos, uma vez mais, apenas as iniciais dos prenomes):

- M., essa chegou a dar saudade de ti HAHHAHAHAHA
- R., não me leve a mal kkkk
- A., hahaha 😊
- T., 😊

Estabelece-se, portanto, uma interação pautada no humor. E humor próximo ao das piadas conversacionais, mais espontâneo, surgido no contato entre os sujeitos. Quem não faz parte desse contato em uma situação semelhante à de quem observa uma conversa de fora: por não conhecer quem são, apenas infere as informações com base nas pistas textuais apresentadas (que, no caso, indicam que a pessoa marcada tenha fios brancos no cabelo).

Como já mencionado, a tendência é a de os usuários marcados responderem aos comentários. Ou às provocações, no caso. Nos exemplos analisados, foi mantido o tom humorístico. Uma situação assim, em que o diálogo é travado entre G. e J.:

G. – J.

J. – Vc me acha imatura? Ahahaha 😊

J. – Eu sei que sou

G. – Mas eu posso tirar eles se você quiser 😊

Nesse exemplo, a provocação se concentrou no nível inter-pessoal, como proposto por Norrick. Feita a provocação, J. brinca, perguntando se G. a considera imatura – a brincadeira é reforçada pela presença de marcas de riso. Na sequência, assume ser imatura. G. continua a provocação, propondo tirar os fios brancos, caso a outra queira. São situações, portanto, bastante próximas aos casos de piadas conversacionais.

Cabe registrar, para finalizarmos esta etapa, o único caso em que houve os dois comportamentos, ou seja, a pessoa tanto assumiu ter fios brancos como também mencionou outra, que teria as mesmas marcas no cabelo. O usuário do Facebook

registrou o nome de outro(a) e incluiu o verbo “somos”, que incluía ambos naquela situação. O interlocutor, ao contrário da maioria dos demais casos, não respondeu. Limitou-se apenas a curtir o comentário – curtir algo, nessa e em outras redes sociais, é uma forma de a pessoa concordar com aquele conteúdo.

Considerações finais

O caso analisado neste artigo é apenas uma diminuta gota no oceano que se configurou a internet. Por isso, a navegação por esse mar digital requer cautela. Não se pode fincar âncoras conclusivas. Do contrário, corre-se o sério e real risco de generalizar algo que pode ser mostrado com marcas distintas em outra embarcação. O que se pode afirmar, com um pouco mais de segurança, é como se deu o comportamento dos dados aqui analisados.

Nossa proposta era observar como os comentários dos usuários das redes sociais repercutiam o conteúdo da postagem. Trabalhávamos com a hipótese de que, no caso de tiras cômicas, um dos gêneros mais populares das histórias em quadrinhos nos ambientes digitais, haveria a tendência de o conteúdo humorístico ecoar nos registros dos leitores (que, ao escrever, tornam-se autores também), gerando um prolongamento do humor. A hipótese se confirmou. Ao menos do material analisado (nossa pequena gota desse oceano digital).

Optamos por analisar uma tira cômica da série *RYOTiras*, criada por Ricardo Tokumoto. O desenhista expõe suas produções em um blog e em redes sociais, entre elas o Facebook, que fora selecionado para o estudo. O corpus foi composto por uma tira, veiculada no dia 20 de abril de 2017, e pelos 28 comentários de usuários registrados naquela postagem.

Com base no que fora visto, percebeu-se que o humor gerado pela tira foi o tópico norteador dos comentários inseridos na postagem. Leitores/autores expuseram relatos pessoais, em que afirmavam ter (ou não) fios brancos, assunto abordado na história. Também marcavam os nomes de outras pessoas, a quem creditavam tal característica física.

Nessa segunda situação, houve vários casos em que a interação ultrapassou o contato entre autor (desenhista, no caso) e leitor (o usuário da página). Ao marcarem os nomes de outras pessoas, os sujeitos estabeleciam um diálogo direto com outros sujeitos do Facebook, gente previamente conhecida e com quem compartilhavam informações

comuns – além da evidente proximidade afetiva, o indício é que teriam também fios brancos no cabelo.

A atitude de acionar outro(a) foi vista, dentro desse contexto, como uma forma de usar o(a) interlocutor(a) como alvo de uma brincadeira, expondo, de forma pública, uma peculiaridade da pessoa. Mantinha-se, nessas trocas de mensagens, o tom cômico iniciado pela tira e, dessa forma, prolongava-se o humor. Pelo menos, entre esses sujeitos. Embora estes soubessem o motivo da gozação, os demais leitores tendiam apenas a supor a informação, por não terem o mesmo conhecimento compartilhado.

A tira cômica, bastante próxima a uma piada pronta, inaugurou o humor. A partir dela, e com base nela, ocorre um processo de continuidade manifestado pelos leitores/autores. O diferencial é que, nos comentários analisados, predominou outro tipo de piada, a conversacional, surgida justamente em situações de interação espontânea, como o espaço dos comentários das redes sociais. Nos contatos entre os usuários, perceberam-se tanto construções surgidas por meio da interação em si quanto por anedotas pessoais.

Cabe retomar a metáfora do oceano. Trata-se de uma análise sobre uma gota, captada de um enorme mar digital. A análise de outras gotas, em situações semelhantes, poderá confirmar essa rota, evidenciar outras ondulações ou até mesmo trazer a descoberta de novos territórios, ainda não explorados. O que se procurou foi dar início à discussão, de modo que as próximas embarcações possam, ao menos, navegar com um pequeno mapa previamente esboçado.

Referências

ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (orgs.). *Interação na internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

ATTARDO, S.; RASKIN, V. Script theory revis(it)ed: joke similarity and joke representation model. *Humor: International Journal of Humor Research*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991. vol. 4-3/4. p. 293-347.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 277-326.

BRAGA, D. B. *Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção Trabalhando com... na Escola; v. 6).

CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. Piadas conversacionais: espontaneidade e humor. In: TRAVAGLIA, L. C. (org.). *Gêneros orais*. (No prelo).

GOMES, L. F. *Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2010.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MARQUESI, S. C.; ELIAS, V. M. S.; CABRAL, A. L. T. (orgs.). *Interações virtuais: perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância*. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

NORRICK, N. R. *Conversational joking*. Indianapolis: Indiana University Press, 1993.

PRIMO, A. *Interação mediada por computador*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. (Coleção Cibercultura).

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *Faces do humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

_____. *Tiras no ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

RASKIN, V. *Semantic mechanisms of humor*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1985.

TADEU, P. *Mil piadas pra Twitter*. São Paulo: Matrix, 2009.

TOKUMOTO, R. *RYOTiras*. Disponível em: <<http://ryotiras.com/>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

_____. *RYOTiras Omnibus*. Belo Horizonte: Quadrinhos Rasos, 2012.

_____. *RYOTiras Omnibus*. 2. ed. Belo Horizonte: Miguilim, 2016.

XAVIER, A. C. *A era do hipertexto: linguagem & tecnologia*. Recife: Editora universitária da UFPE, 2009.